

Waldemar Henrique: Partitura para os olhos e para os ouvidos

* Maria Célia Jacob

“Em todas as matérias com que o homem lida se fará sentir uma ação simbólica. Em todas as linguagens, ao articular uma matéria, o homem deixa sua marca, simboliza e indaga, movido por sua pergunta ulterior, que é pelo sentido de viver”.

(Fayga Ostrower)

O Brasil não é um país de “analfabetos”. No sentido de que pudéssemos contar, além da tradição da palavra escrita impressa na página, com a tradição rica e fértil da palavra falada e a tradição da palavra cantada. E se a literatura não fosse vista apenas como literatura escrita. Ou que não se considerasse a palavra escrita como critério único de “alfabetização”.

A tradição poética e literária oral é, historicamente, anterior à tradição de Gutenberg. A poesia era uma arte absolutamente vocal, que tinha funções sociais muito fortes ligadas às religiões, aos ritos. A poesia era para ser falada, cantada. Com acompanhamento musical, às vezes. Com danças, em outras.

Vale ressaltar, aqui, que não se está discutindo a superioridade da poesia oral, vocalizada, sobre a poesia registrada no papel. Trata-se, apenas, de tomar outra vez forte, na memória, a força social da poesia. Poesia da palavra escrita. Poesia da palavra falada. Poesia da palavra cantada. Principalmente no Brasil, onde há uma forte tradição de oralidade, regionalmente diversificada. Cantadores de feira, Cordelistas, Repentistas, Violeiros, Contadores de “Causos”. Chula, ponto de ritual, baião, carimbó, batuque, coco. Cantigas de ninar. Histórias da nossa infância. Matinta-perera. Boto. Uiara. Boiuna... Formas populares de se produzir a palavra poética falada. Universo lúdico e de magia, recitado e cantado nas diversas regiões. Formas de cultura oral que não podem ser esquecidas sob pena de dar um sinal de

obscurantismo, tanto quanto se desprezasse o livro. Desprezo pela cultura, principalmente pela tradição, que nem sempre tem o aval de uma obra escrita, de uma partitura.

WALDEMAR HENRIQUE resgata tudo isso. Numa forma esplêndida de reencontrar, na música, as várias outras linguagens que adormeceram sob a ação dos filtros de todos os sistemas.

Querendo-se sempre em tons de verde, em sons de assovios de pássaros, tambores dos terreiros e ventos da floresta; em seivas que gotejam de suas próprias raízes e entranhas, vai pondo em partituras os seus signos mais significantes. “O Signo vale por seus contornos, suas vizinhanças” - nos diz Barthes.

É João de Jesus Paes Loureiro, poeta paraense, amigo e parceiro de Waldemar Henrique, quem lhe diz, em um prefácio, “tua arte confere uma segunda realidade de ilusão à ilusão da realidade que constitui os mitos. A Matinta-Perêra, o Uirapuru lendário, a Uiara, por exemplo, incorporam em si o sentido de tuas melodias, de sorte que, quem escuta essas canções amazônicas não pode mais pensar nelas sem que o pensamento venha musicado por elas.”

O “Maestro” é partitura para os olhos e partitura para os ouvidos.

Partitura para os olhos. Suas palavras ocupam o branco da página, travando a “luta solitária do poeta”. Vai ao olho cúmplice do leitor, ocupando a retina da mente. É o mundo íntimo (inner ear), conforme referência de Marianne Moore. É a imaginação auditiva (audio-imagination),

conceituada por Eliot.

As palavras de Waldemar Henrique formam um poema no papel, para o olhar que mira. É uma partitura dançando na menina dos olhos que, ao ser cantarolada, ressoa no céu da boca e no céu da mente.

“Tamba-Tajá

Me faz feliz

Que mais ninguém possa beijar o que beijei

Que mais ninguém escute aquilo que escutei”.

(Tamba-Tajá)

Partitura para os ouvidos. A palavra de Waldemar Henrique muda. É o “mood”. Palavra cantada, saindo do simples registro gráfico dos sinais poéticos e suas pulsações, e vindo ficar solta no espaço. Altura, intensidade, posição, duração, voz, emoção...

“Ele não sabe que seu dia é hoje

Ele não sabe que seu dia é hoje

(Boi-Bumbá)

Ritmos comuns da fala que penetram a literatura, a poesia moderna, de maneira envolvente, decisiva. Às vezes, de maneira sutil, porém forte, dando o toque da oralidade, com ressonância nos versos (e nas notas musicais), onde o tédio e a repetição poderiam surgir, mas que não têm meios de existir. Ritmo sofisticado da poesia moderna penetrando no popular. O oral e o escrito se comunicando, entre idas e vindas, como numa canção de ninar, num murmúrio que, de tão intenso e poético, vai crescendo, como o ritmo do atabaque.

“E vem de longe o eco surdo do bumbá sambando

A noite inteira encurralado, batucando...

Bumba, meu “Pai do Campo” ô - ô

Bumba, meu Boi-Bumbá

Bumba, meu Boi-Bumbá

Bumba, meu Boi-Bumbá

(Boi-Bumbá)

Waldemar Henrique é para estar na boca, no ouvido, na retina do povo. É a “completa tradução” do desejo coletivo, das imagens amazônicas, da sua gente. Índia, negra, branca, mestiça. Sintetizador dos sonhos de alegria e felicidade da nossa raça. Corpo vivo, pulsante. Palavra da Amazônia que se oferece inteira para ser ouvida, escrita, falada, cantada. Sua matéria. Sua música. Seu sentido de viver.

*** Professora de Literatura Infanto Juvenil e
Coordenadora do Curso de Letras da UNAMA.**

OBRAS CONSULTADAS:

BARTHES, Roland. Aula. São Paulo, Cultrix.

GODINHO, Sebastião. Só Deus Sabe Porque.
Belém, Falângola.

PEREIRA, João Carlos. Encontro com Waldemar
Henrique. Belém, Falângola, 1984.

RICOEUR, Paul. A interpretação. Rio de Janeiro.
Imago, 1974.

SALOMÃO, Khedé Sonia. Literatura. Arte,
Ciência e Filosofia. Petrópolis. Vozes, 1984.